

Oceanógrafa conhece projeto desenvolvido pelos tremembés



■ Yara Schaeffer Novelli é professora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo

OPOVO / Fortaleza-CE, quinta-feira, 27 de agosto de 1998

ciudades

49(2)

Os índios tremembés construíram, no início do ano, dois centros culturais em Almofala. A construção foi garantida por recursos de uma entidade americana de proteção ao meio ambiente ■

A professora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, Yara Schaeffer Novelli, esteve no Ceará na última semana (de 19 a 23) com a missão de conhecer projeto da tribo Tremembé e relatá-lo para o Serviço de Pesca e Vida Silvestre do Governo dos Estados Unidos. O projeto teve início este ano, através da construção de dois galpões na área indígena de Almofala (no município de Itarema, a 276 quilômetros de Fortaleza). A finalidade do projeto é a conservação dos recursos naturais da área. O relatório funcionará como prestação de contas referente ao valor de US\$ 5 mil doado pela entidade para as obras.

A relação de Yara Novelli com os tremembés teve início há dois anos durante o Encontro de Educação Ambiental em Área de Manguezal, que ocorreu no Espírito Santo. Eles propuseram a criação de dois centros culturais e pediram a colaboração da oceanógrafa. "Eu os auxiliei como cidadã. Fiquei muito feliz em intermediar este projeto", conta.

Os índios deram para Yara todas as informações sobre a tribo, a área, sua atividade e seus objetivos. Com esses dados, ela conseguiu o financiamento da entidade americana. Para fazer o relatório, Yara passou cinco dias com

os índios. Conheceu os dois galpões, sendo um na Varjota e ou no Panã. Nestes locais, eles dançam o torém, fazem reuniões e desenvolvem outras atividades da tribo como a pintura.

Os galpões têm mais de 75 metros quadrados e também funcionam como escolas de adultos e crianças. Os equipamentos possuem um salão, uma cozinha, um quarto para merenda escolar e uma quarto para abrigar professores. As atividades principais são de pesca, seja no mar, no mangue ou no lagamar do rio Aracati-Mirim através de mutirão. Dentro dos pontos que serão destacados por Yara no relatório, que será entregue a entidade americana, estão as medidas tomadas para a conservação dos recursos naturais da região que é o que mais interessa ao Serviço de Pesca e Vida Silvestre.

Entre estas medidas está a substituição da marambaia. Antes os índios utilizavam uma árvore do mangue para que ao ser jogada no fundo do mar, acumulasse resíduos que se transformariam em comida para peixe. Assim os índios sabem onde ficam os cardumes. Agora, os índios usam pneu velho como marambaia. Há também um trabalho de conscientização para a mudança das armadilhas, que trabalhe com malha de rede maior para não pegar os peixes pequenos.

OPOVO / Fortaleza-CE, quinta-feira, 27 de agosto de 1998

idades

49(3)

Tribo luta pelo reconhecimento

A tribo Tremembé possui 3.500 índios numa área de 4,9 hectares. Desde 1992, os índios lutam pelo reconhecimento de sua origem étnica e pela terra, que por direito é deles. Há mais de um ano, eles aguardam que o Tribunal Regional Federal, que fica em Recife, determine a demarcação das terras indígenas tremembés, o

que deve assegurar o espaço da tribo.

Maria Amélia, secretária geral da Missão Tremembé, diz que é muito difícil conscientizar os índios para a luta. Há vários fatores que impedem uma ação mais coesa entre eles. Como exemplo cita a distância geográfica entre as várias comunidades, o grande número de famílias

e o medo que se apoderou deles durante os anos de repressão.

Das 20 comunidades que formam a tribo, apenas oito estão realmente engajadas, reconhece Maria Amélia. São cerca de 1.200 índios trabalhando para formar crianças, conscientizar quanto a importância da preservação da cultura e a defesa do meio ambiente.

16A

O POVO/Fortaleza-CE, quinta-feira, 27 de agosto de 1998

idades